ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES
Patricia Bieging
Raul Inácio Busarello

ISBN 978-85-7221-591-6
2026

Thais Lopes Fernandes Antunes

DA QUEIXA À POTÊNCIA:

A DOCÊNCIA, OS PROCESSOS INCLUSIVOS E OS TANTOS DILEMAS QUE PERMEIAM O CAMINHO DA INCLUSÃO ESCOLAR

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-591-6.3

Falar de docência e precisar caracterizá-la com palavras certamente nos remeterá a planejamentos, organizações, tarefas, debates, planilhas, objetivos, currículos e tantas outras definições que rapidamente caracterizam o fazer docente.

Falar de Processos Inclusivos nos remete primeiramente à palavra INCLUSÃO, talvez em políticas públicas, acessibilidade, AEE, escola especial e por aí vai...

E falar de dilemas... O que seria falar de dilemas? Se pesquisarmos no dicionário Aurélio, dilemas nos relata: "passar por uma situação difícil ou embaraçosa que exige uma escolha entre duas ou mais alternativas igualmente penosas ou problemáticas".

Escolhi o tema A DOCÊNCIA, PROCESSOS INCLUSIVOS E OS TANTOS DILEMAS QUE PERMEIAM O CAMINHO, pois acredito que esses três assuntos se entrelaçam, se unem, dialogam e falam muito de inclusão, de seres humanos e, acima de tudo, de construção de sociedade.

Falar do *ethos* docente é acima de tudo falar de pessoas, pessoas que trabalham em prol de pessoas. Sobre isso, Thoma *et al.* (2019, p. 32) nos dizem que falar sobre docência é acima de tudo reafirmar sua importância. E, portanto, nos processos inclusivos, esse docente tem um papel fundamental e significativo.

> Inspiradas nas reflexões de Larrosa a respeito do uso das palavras como forma de produzir sentidos, compreendemos que, quando os professores falam de si e de suas experiências no contexto da inclusão escolar, desenvolvem posicionamentos distintos a respeito do processo inclusivos e, portanto, diferentes modos de ser professor nesse contexto. Para Michel Foucault, "nada há de extraordinário na possibilidade de existirem diferentes experiências (tanto simultâneas como sucessivas) que tenham uma única referência" (Foucault, 2006, p. 245).

Procurar entender a relação entre a docência, os processos inclusivos e os tantos dilemas que permeiam essa trajetória pode ser um caminho potente na construção de, quem sabe, um modelo de sociedade um pouco menos desigual, injusta e precária de atitudes humanas.

As discussões acerca da educação especial bem como de seus processos inclusivos têm ganhado potência dia após dia, seja no âmbito educacional, seja no da saúde, pautadas no discurso de que a escola é para todos e que todos têm direito à escola regular. A inclusão tem sido feita de qualquer modo para apenas não ser feita. Concordando com isso, Thoma *et al.* (2019, p. 36-37) deixam claro que este discurso não é recente.

> O discurso do direito de todos estarem juntos na escola e nela aprendendo passou a circular com grande força nas últimas décadas. Para atender todos os alunos, "os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender às necessidades educacionais de todos os estudantes" (Brasil, 2008, p. 13, grifo nosso).

Tendo como base isto, várias problemáticas são levantadas, juntamente com muitas dúvidas, anseios, esperanças, erros e acertos. Tanto na escola como na saúde, a Educação Especial bem como os seus processos inclusivos precisam e devem ser pensados com seriedade e responsabilidade. Devemos pensar que, se há a necessidade de falar tanto em inclusão, é preciso olhar para os outros caminhos e perceber que, de fato, esta inclusão não está acontecendo. Sobre isso, Skliar (2017 apud Thoma *et al.*, 2019, p. 33) relata, de forma muito significativa, sobre as tentativas falhas de uma escola inclusiva.

> Estamos nos preparando há muito tempo para uma escola melhor, que se chama inclusiva, que também se chama democrática, que se chama integradora, que se chama de valores e competências. Particularmente com

> a escola inclusiva eu tenho algumas dúvidas. Se a gente fala tanto da inclusão é porque sabe que ela não existe. É muito curioso que nos países que melhor fazem a inclusão, essa palavra tenha desaparecido. Porque a palavra se pronuncia muito quando ela falta, quando ela não existe, quando ela não está, quando se está falando de uma crença. Quando a gente sabe que não está incluindo, fala da inclusão (Skliar, 2017 apud Thoma *et al.*, 2019, p. 33, grifo nosso).

Se estamos há muito tempo nos preparando para esta escola melhor e inclusiva, quanto tempo ainda iremos levar para entender de fato que ela não se constituirá apenas com discursos, frases e leis que em nada acrescentam. Pensar que estamos caminhando a passos lentos talvez seja até um ato um pouco sonhador, prefiro enxergar a triste e cruel realidade que, como sociedade, estamos falhando em cair na comodidade de aceitar o que nos é imposto e que, por comodismo, preferimos não nadar contra a maré e nem percorrer caminhos desconhecidos. Pedro Pagni nos faz refletir sobre a forma como o Brasil retrata as políticas inclusivas, de forma a nos fazer enxergar como esta questão tão importante tomou caminhos tão perigosos no cenário educacional.

> No caso brasileiro, em que as políticas de inclusão provêm das políticas estatais é bastante comum elas serem percebidas mais como uma benfeitoria do Estado do que um legítimo direito da sociedade civil e das comunidades que desejam ser reconhecidas por sua diversidade étnico-racial ou cultural, por sua diferença de gênero ou de orientação sexual e por sua deficiência (Pagni, 2019, p. 106).

Vivemos dias acelerados; há inúmeras informações desencontradas, dias polarizados por ideias e ideologias que não apontam caminho algum e somos embarcados por inúmeras questões, sejam elas políticas, sociais ou econômicas, que nos atravessam de forma a nos fazer pensar o nosso existir como sociedade. É preciso fazer pactos, amizades, estreitar e criar vínculos com pessoas e entre pessoas e, principalmente, com o diferente, com o inaceitável, com

o estranho, com o dito louco, com o desconfortável, com o desacomodado. Viver em sociedade nos dias atuais não nos permite mais repetir erros de séculos passados. As pessoas mudaram, os tempos mudaram e, com todas essas mudanças, ainda infelizmente vivenciamos e presenciamos uma perpetuação de erros tradicionais e enraizados na nossa cultura.

Pedro Pagni (2019, p. 106) diz que:

> Diante do empobrecimento das relações interpessoais e da miséria amorosa contemporânea, essa ética da amizade seria tomada como campo de experimentação para a criação de outro tipo de interpelação subjetiva e como indicativo de emergência de uma nova ética do comum.

Pensar que somos seres humanos, dotados de singularidades únicas que nos tornam diferentes dos demais, e que, partindo das nossas colaborações para a construção de mundo, fazemos parte desta chamada "sociedade", a educação especial sempre se fez presente; somente ela esteve apagada nos tantos discursos elaborados para justificar a sua falta.

Se pararmos para refletir sobre esta visão de "sociedade" e "escola", bem como de sua organização, sempre arquitetada na proposta de regulamentar e enquadrar grupos de pessoas, talvez encontremos nesta problemática uma questão muito importante na discussão acerca da educação especial.

Dentro deste pensar como sociedade, encontramos a figura do docente, este profissional que é formado para formar pessoas, sejam elas ditas normais ou anormais, com patologias ou sem patologias. Profissional este que diariamente ocupa um papel de extrema importância na organização de sociedade, pois o mesmo é incumbido de, através dos seus atos, moldar, formar, regulamentar e encaixar pessoas, através da sua função primordial de ensinar/criar conhecimentos. Profissional este que, no exercício da sua função, enfrenta um cenário atual escolar repleto de desafios, pendências,

erros, falhas e que, por inúmeras vezes, internaliza o ato de queixar-se como forma de resistência, de militância e também de comodismo.

Comodismo que acalma, acalenta e traz um pouco de tranquilidade em meio a tantas tarefas que são colocadas nas funções dos docentes sem aviso prévio. Comodismo este que de forma muito brutal e visível transforma a docência em uma ferramenta de exclusão no contexto escolar.

AS TANTAS QUEIXAS QUE ASSOMBRAM A DOCÊNCIA

Professores são pessoas que, no exercício da sua função, inegavelmente enfrentam diariamente inúmeros desafios na sua prática diária (sejam eles desvalorização financeira, falta de respeito, segurança, falta de recursos, formação precária ou inexistente, sobrecarga...). Na verdade, eu poderia passar horas e horas, dias e dias, e quem sabe até anos elencando todos estes desafios que parecem multiplicar-se a cada ato do docente em sala de aula, porém, acredito que permanecer na queixa nos impossibilita de enxergar um caminho de possibilidades que poderia ser trilhado se esta queixa fosse enxergada como uma potencialidade de mudança, de construção de atos diferentes, de criação de partilhas e de resolução de problemas.

Os desafios são infinitos, há falta de profissionais qualificados, salas de aula sucateadas, escolas empobrecidas, formação inicial precária, falta de formação continuada, gestões escolares despreparadas e ineficientes, desgovernos no governo, precarização e terceirização de serviço e por aí vai... Motivos para a inclusão escolar de fato não acontecer temos aos montes e de variados tipos.

Os docentes, por sua vez, se vestem de discursos queixosos para justificar ou menos responsabilizar sua prática diária, a fim de encontrar uma saída e/ou solução para tantos desafios enfrentados. Para o docente, é normal reproduzir falas como "não estou preparado", "não consigo fazer tudo sozinho", "me faltam recursos físicos e humanos". Quanto a isso, Silva, Baptista e Jesus (2023, p. 15) nos fazem pensar sobre a formação inicial.

> Assim, precisamos renunciar à compreensão de que um curso de licenciatura daria conta de "tudo" ou que entregaria um professor "preparado" para lidar com todos os desafios que aparecessem em sala de aula. Tal lógica contraria a dinamicidade da vida e a complexidade que se articula aos processos de conhecer. Faz-se a necessidade de que a formação inicial passe a ser vista como parte de um processo que é permanente e que precisa ser alimentado continuamente.

Levando em consideração que o docente é um ser em constante desenvolvimento, assim como todos os seus alunos, que preparação seria esta usada como justificativa para o despreparo ao diferente?

Lembrar continuamente que ser docente é lidar com pessoas de todos os tipos, culturas, etnias, raças, gêneros e que, por serem de uma dinamicidade absurdamente infinita, estar sempre preparado para o despreparo, estar esperando o inesperado, torna menos desafiante e frustrante o trabalho do docente, pois lidar com pessoas proporciona criar, instigar, incentivar, ampliar e tantas outras atitudes que podem e devem ser desenvolvidas no coletivo, e a escola é e deve ser um espaço de construção coletiva.

Vestir-se de tantas queixas tem se tornado, em alguns casos, um escudo do docente, para que, em meio a tantos desafios, possa talvez sentir-se amparado e acolhido no exercício da sua docência, que muitas vezes é solitária. Quando me refiro à solidão, se fizermos

uma busca rapidamente na internet sobre seu significado, ele nos traz que é "o estado ou condição de quem se sente ou está só, a característica de lugares isolados e ermos, ou a sensação de isolamento mesmo estando rodeado de pessoas".

Partindo deste pressuposto, acredito que a docência é sim muitas vezes solitária e que, por ora, este sentimento de solidão possa corromper e vedar os olhos e sentimentos do docente a fim de deixar o mesmo incapaz de enxergar não só a potência, mas também bons motivos para ainda ser docente.

E no meio de tantas queixas temos os alunos, pessoas de pouca ou média idade, seres em construção, sedentos pelo novo, radiantes pelo conhecimento e motivados pelo aprender. Será que no meio de tanta queixa e desafios há lugar para estas pessoas?

Acredito que ser docente nos dias atuais é um ato de extrema nobreza, primeiramente, pois o docente escolhe ter como profissão dedicar seu tempo, disposição e dedicação em prol de outras pessoas. Que ato de maior nobreza diante deste mundo tão egoísta em que vivemos? Em segundo lugar, vejo o docente como um agente transformador, seja de realidade, de pensamento, de sentimentos, de caráter e também de PESSOAS.

A problemática que lanço é: Será que é possível a docência ser potência nos processos inclusivos? Será que é possível enxergar as queixas como potência nos processos inclusivos e, a partir delas, criar não somente a tão falada inclusão escolar, mas sim uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e melhor para se viver?

Pensar a docência como potência e não como reflexo de todos os desafios, faltas, erros e problemas que acometem a educação especial, nos abre precedentes significativos para quem sabe visionar percursos diferentes para e com a inclusão escolar.

Concordando com isso, Thoma *et al.* (2019, p. 34) enfatizam:

> Uma docência inclusiva seria aquela que se ocupa de todos, não só pela amorosidade e afetividade, mas com a responsabilidade de quem cria "uma atmosfera de igualdade, um ambiente de hospitalidade para que qualquer um possa aprender a viver" (Skliar, 2017 apud Thoma *et al.*, 2019, p. 34).

É necessário incluir as diferenças, entender que vivemos em um mundo repleto de pessoas plurais e que de nada adianta repudiar o diferente, se é a partir dele que formamos pessoas.

Eis aí mais uma das problemáticas do docente e também mais uma das tantas potências da docência, se, em vez de repudiar as diferenças, ter receio, ignorá-las, usá-las como pretexto para justificar tantas faltas e desafios da ação docente, fazer de conta que elas não existem, o docente enxergar esta DIFERENÇA caracterizada pela deficiência, laudos e CIDs como uma oportunidade de, diante de seu alunado, potencializar o senso de humanidade, coletividade, pertencimento e de entendimento de que vivemos em uma sociedade diversa e plural.

Se, perante todos os documentos oficiais norteadores, compete ao docente organizar, planejar, arquitetar, visionar, pensar, a pergunta que surge é: por que ações como acolher, respeitar, ouvir, tocar e sentir não podem ser ações praticadas e almejadas no *ethos* docente? Mesmo que tais ações não sejam ensinadas na formação do professor, tais atitudes são oriundas da vida humana, já nascemos sabendo olhar para as pessoas independentemente de suas características ditas normais ou anormais, já nascemos com o toque, com a escuta, com o sentir e, portanto, acolher e respeitar deveriam ser a regra antes mesmo de qualquer preconceito formado.

É preciso ver o docente e despertar no mesmo um senso de pertencimento para ações além dos muros da escola. Se na escola temos pessoas, é fundamental entender que toda e qualquer atitude

incentivada e planejada influencia diretamente para além de seus espaços. Ver o cenário escolar e seu cotidiano para além dos seus muros potencializa e valoriza tudo o que é feito na escola.

Ver o docente como um transmissor de conhecimento ignora totalmente o poder que esta profissão tem em suas mãos. O docente não transmite apenas conhecimento, ele é responsável por criar laços, vínculos, sentimentos, concepções, ideias, críticas, personalidades, pois, como já enfatizei anteriormente, ser docente compete o trabalho de pessoas para pessoas.

A POTENCIALIDADE DO *ETHOS* DOCENTE NO COTIDIANO ESCOLAR

Quando colocamos em enfoque a Educação Especial na perspectiva do docente, muitas reflexões surgem. Entende-se que o papel do docente é de extrema importância em todas as etapas da educação e modalidades de ensino.

Com isso e partindo disso, há que se pensar, observar, avaliar e questionar todas as ações que permeiam e norteiam esta função tão importante para o desenvolvimento da sociedade e educação. Thoma *et al.* (2019, p. 28) nos relatam que, a partir de Michel Foucault, entendemos *ethos* docente como uma atitude, ou seja, "como uma escolha voluntária de uma maneira de pensar, e sentir, de agir e de conduzir com marca de pertencimento e de tarefa", e, concordando com isso, acrescento que acredito que ser docente vai além de uma profissão: é também uma forma de pensar, de agir, de viver, de modos de ver e ser, de ouvir, de acolher, de sentir e, acima de tudo, de querer fazer.

Pensar em docente é pensar em alguém que, além de ser um responsável por transmitir conhecimento, gerar aprendizagens, construir laços, organizar e arquitetar ambientes escolares, é alguém que, em meio a tantos afazeres e incumbências, é um ser humano também.

Olhar para a docência como potencialidade é um ato esperançoso em meio a tantos percalços e desafios diários enfrentados pela educação. Sobre o olhar inclusivo, Thoma *et al.* (2019, p. 33) nos dizem:

> Um ethos docente inclusivo, como analisamos, é marcado por condutas – de ordem afetiva, humanitária, redentora, militante ou outras – que produzem diferentes formas de se relacionar consigo mesmo e com o outro. Essas condutas não caracterizam uma forma única de ser docente no contexto da inclusão.

Ver o docente como ser humano é entender que diariamente ele é atravessado por inúmeros sentimentos, prazeres, desgostos, frustrações, tristezas e também muitas alegrias. Sim! Há muitas alegrias na docência!

No meio deste emaranhado de sentimentos está um profissional que, além de gerir suas atribuições, tem em suas mãos uma ferramenta preciosa de trabalho que se chama PESSOAS, pessoas estas que são responsáveis pela construção desta sociedade que vivemos.

Ver a docência como construção de pessoas, seja na construção de caráter, de aprendizagens, experiências, vivências, pensamentos etc., faz com que a docência se torne ainda mais importante, pois ser docente vai além de perpetuar conhecimentos, mas sim de criar vidas, vidas estas que influenciam diretamente na construção de sociedade para além dos muros da escola e produzem diferentes modos de ser e viver, ampliando as possibilidades do *ethos* docente.

Refletir sobre as discussões acerca da inclusão, associado à docência, é um ato mais do que necessário. Já falamos anteriormente da importância do docente na construção de sociedade e, atreladas

a isso, estão todas as demandas de uma construção de sociedade, sejam elas econômicas, sociais, culturais e principalmente políticas. Pensar a inclusão na lógica do docente e vê-lo como um potencializador deste processo na escola torna o trabalho deste profissional de uma riqueza ímpar, pois possibilita ao mesmo reafirmar o seu compromisso com a sociedade de formar pessoas, mesmo que com pequenas atitudes diárias em seu cotidiano.

O docente, bem como a escola, deve e precisa estar preparado para receber a todas, todos e todes. A educação inclusiva não pode ser uma condição ou apenas uma modalidade dentro da escola e na visão do docente. Thoma *et al.* (2019, p. 33) nos falam um pouco sobre isso.

> Na lógica da inclusão a escola deve receber a todos e a qualquer um, e os professores devem ocupar-se da educação de cada um. Porém, se a escola fosse de fato para todos, não precisaríamos adjetivá-la de inclusiva.

Enxergar na docência uma possibilidade de potência de criação de sociedade atrela funções ao professor diretamente a atos políticos. E por que não pensar a docência como um ato político?

Por ora, os docentes não criam leis, não elaboram estatutos, não participam de construção de emendas parlamentares, mas podemos concordar que de nada adianta ter todas essas ações se não houver pessoas, se não houver escolas, se não houver educação. E a docência é isso: pessoas que trabalham em prol de pessoas, que são formadas e criadas dentro de escolas e a partir da educação.

Pessoas estas que o docente é incumbido de moldar, educar, regulamentar, normatizar, doutrinar e até arrisco dizer criar para este modelo de mundo que habitamos, modelo este que não tolera o diferente, que abomina o deficiente, que detesta ter que conviver com tudo que desacomoda e que, de forma muito dolorosa, preconceituosa e desrespeitosa, lida com as pessoas.

Mundo este que não valida as diferenças, sejam elas de raça, cor, gênero, características, orientação sexual e tantos outros preconceitos que diariamente são perpetuados nesta sociedade.

Portanto, penso que ser docente é o maior ato político da atualidade, pois o professor tem a chance de, com pequenas atitudes, colaborar para a construção não somente de aprendizagem, mas sim de modos de ser, viver e conviver e, no ato de sua função, pode fazer, através do seu cotidiano com os alunos, microatitudes políticas com um poder enorme de mudança.

Quanto ao saber, característica predominante da docência, há que se pensar de quais saberes os docentes têm se lembrado na sua prática. Será que o saber olhar tem sido levado em consideração, ou o saber tocar, acolher, sentir, ouvir, receber e tantos outros saberes que a formação acadêmica não cita, mas que se fazem necessários no *ethos* docente?

Já na inclusão, ou na propriamente dita inclusão escolar, será que os docentes sabem seu papel, sua potência, sua parcela de responsabilidade ou de culpa? Será que ser docente por si só já não é o suficiente para subentender que o trabalho será para todos, independentemente de laudos, diagnósticos, patologias; todos são pessoas.

Talvez seja difícil entrelaçar os caminhos da educação especial aos de uma docência pautada na humanidade, já que somos atropelados por diversos protocolos roteirizados, sejam eles na saúde ou na política, que invalidam repentinamente toda e qualquer potência que a diferença possa ter. Ser docente não pode e não deve nunca nos remeter a normatizar, regular, rotular, encaixar, pois ser docente é ter nas mãos diariamente a oportunidade de, com pequenos gestos e atos, construir caminhos mais humanos para, quem sabe, ensaiarmos uma tão sonhada inclusão escolar.

Mais do que nunca precisamos entender a grandiosidade do *ethos* docente, ver no docente uma chave de mudança de muitas

problemáticas e emblemáticas que passam despercebidas na rotina corrida do dia a dia escolar. É preciso ampliar os horizontes, olhar para além dos muros da escola e para cada aluno de forma individual, acolhendo sempre a pluralidade, entendendo que cada dia é único na construção desta sociedade que o professor ajuda a formar.

Enxergar na diferença uma potência, uma nova maneira de se relacionar com pessoas e com o mundo, enxergar na falta um complemento, acolher o anormal de forma que ele se torne o novo normal, o novo modo de ver, ouvir, tocar, sentir e andar pelos tantos caminhos trilhados pela educação. É preciso sair do exercício vicioso e cômodo da queixa. Desacomodar leva tempo, dá trabalho, cansa, gera problemáticas inesperadas, nos faz refletir sobre o que fazemos e sobre o que podemos fazer de melhor com o que temos. Eis aqui, talvez, a conclusão desta escrita acerca da potência do docente.

Penso que quanto mais falamos das tantas potências do docente, mais fortalecemos nossa ação. Eu escolhi falar de força, de resistência; escolhi falar de potência no meio de tanta queixa; escolhi falar sobre isto, pois não acredito que uma profissão tão grandiosa precisa se resumir a tristezas, a desabafos, a lamúrias e a xingamentos.

Não sou contra as queixas, muito pelo contrário, eu as tenho utilizado como um ato de resistência. Queixar-se como um ato de resistência nos impulsiona a querer mais, a procurar mais, a vivenciar mais e também a oferecer mais ao próximo. E a docência é sobre isso, sobre o que estamos dispostos a entregar para o próximo, sobre o que estamos procurando apresentar para o outro e, mais do que nunca nos dias atuais, é sobre o quanto o docente se permite existir para o outro.

Penso que permanecer na queixa reduz a grandeza do docente a limitar-se a não ampliar seus horizontes, a não trilhar novos caminhos, a não procurar soluções para tantas problemáticas.

Penso que permanecer na queixa é morar em todos os dilemas que os processos inclusivos possuem.

Por fim, gostaria de lembrar a todos os docentes que fizerem a leitura deste texto que ser docente é mais do que uma profissão, é enxergar vida onde a maioria não enxerga, é sentir onde boa parte das pessoas já deixaram de sentir, é ouvir quando faltarem voz e palavras, é caminhar junto quando o percurso for desconhecido, é apontar caminhos quando faltarem forças e entender que, em todos os dias, em todos os minutos e segundos, a sua ferramenta de trabalho é de uma potência singular na construção dessa sociedade em que vivemos e que seu trabalho faz a diferença em cada um que passa por sua vida.

De forma alguma deixo de lado todas as queixas que são verídicas, necessárias e que, se não fossem elas, talvez nada mudaria no contexto educacional atual. Entendo e valido todas as imperfeições, faltas e erros que acometem diariamente o trabalho do professor, porém, a pergunta que faço é: "Será que vale a pena ainda permanecer no dilema ou usá-lo como uma potência para quem sabe uma mudança dessa triste e cruel realidade que os processos inclusivos que de nada incluem são caracterizados? Será que utilizar a docência como uma ferramenta potente na construção de processos inclusivos se faz possível nos dias atuais?"

Termino a escrita com perguntas, pois acredito que ser docente não consiste em obter respostas, mas sim em oportunizar a criação das mesmas de múltiplas formas e perspectivas.

Que ser docente seja um ato de potência em meio a tantas queixas que os processos inclusivos sofrem e que os dilemas sejam somente norteadores de um ensaio para um caminho tão sonhado e esperado para a inclusão escolar.

REFERÊNCIAS

PAGNI, Pedro Angelo. A emergência de um comum e de uma ética da amizade com a deficiência: o lugar da poética em outro paradigma de inclusão. *In*: PAGNI, Pedro Angelo. **Biopolítica, deficiência e educação:** outros olhares sobre a inclusão escolar. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. p. 103-130.

SILVA, Mayara Costa da; BAPTISTA, Claudio Roberto; JESUS, Denise Meyrelles de. Teacher training and special education: The contours of a conversation in the Brazilian context. **Education Policy Analysis Archives**, [S. l.], v. 31, n. 42, 2023. DOI: https://doi.org/10.14507/epaa.31.7731.

THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Luciane Bresciani; SIQUEIRA, Carolina de Freitas Corrêa; SANTOS, Isabella Almeida dos. Inclusão, subjetivação e governo das diferenças: a constituição de um ethos docente inclusivo na contemporaneidade. *In*: THOMA, Adriana da Silva; HILLESHEIM, Betina; SIQUEIRA, Carolina de Freitas Corrêa (org.). **Inclusão, diferença e políticas públicas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019. p. 25-38.

Thais Lopes Fernandes Antunes

Pedagoga, pós-graduada em Neuropsicopedagogia e especialista em Educação Infantil. Atua com crianças pequenas há quase 19 anos e, há 12, integra o sistema público de ensino na etapa da Educação Básica — Educação Infantil. Docente apaixonada pela profissão, tem dedicado os últimos anos à pesquisa, à escuta, à observação e ao relato da docência em sua potencialidade, formação e desafios. Acredita que a docência vai além da transmissão de conhecimentos, constituindo-se também na construção de caminhos e percursos potentes para uma sociedade mais justa, menos desigual e muito mais humana.